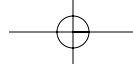
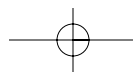


## Poema inicial

Tudo renasce num ciclo de fogo  
encostado às pedras.  
O sol, os degraus, o musgo.  
Tudo está emparedado na cal.  
A cor das pedras  
atravessa um momento de sombra  
sempre que os seus pés  
sobem as colinas.  
Há um espaço solto  
que foi atribuído aos pássaros.  
São eles que habitam  
a dimensão redonda,  
entre os muros,  
afugentados pela luz.  
Parece que saem da cegueira,  
coléricos,  
carregando pequenas caixas vazias.  
É uma construção  
que veio do oriente,  
desenhada numa placa de estanho.  
À noite,  
essa sombra  
com as mãos atadas  
desliza pelo barro  
mastigando as ervas.  
Vai na direcção  
do sol da manhã  
esconder-se das máquinas  
e dos fios.  
A sua boca é como um castanheiro.



Por ali passam  
os ruídos do vinho: dois homens  
matam-se num anfiteatro  
e dos seus gritos nascem  
as visões do mundo.



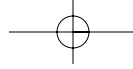
## Primeiro poema no Anfiteatro

Uma mulher desfaz-se na água dos túneis.  
Os seus gestos são uma arte secular,  
reflectidos no tecto, ondulando como uma  
cobra. Se fosse um peixe o seu corpo  
subiria pelo pilar onde estão gravados os olhos  
das vítimas. Uma grande fogueira anuncia o fim  
do amor. Trata-se de uma mulher em cima  
de uma ponte, coberta de espinhos e de  
musgos. Os seus pés apenas batem na madeira,  
sem som, e o anfiteatro fecha-se sobre ela  
cobrindo-a com um véu. Todas as sombras  
que ali habitam passam a seu lado sem a ver.  
É o desenho de um túmulo, uma abóbada  
incandescente na tarde. Quando cai enfim  
a noite, uma lágrima escorre para o fosso  
libertando um gás branco, devorador.

## Visão um

Nunca uma morte terrena tinha acontecido assim. Segurou-a ainda por um braço antes de a lançar para o abismo. A água surgiu devagar em cima das rochas e o seu corpo colou-se às grades que tapavam a entrada de um viveiro. Caiu lançando um grito e a espuma saltou no embate afugentando os pássaros do mar. Ninguém reconheceu neste acto um assassínio e no entanto o sangue desceu por uma ranhura e a pele cortada espalhou-se pelos cantos da praia entre as urzes.

Era o início de uma assombração.



## Visão dois

Não se tratava já de um corpo, mas de uma massa enrolada, um tapete persa deitado ao acaso em cima de uma cama. Havia uma poeira dourada colada à cintura e o resto do que fora uma saia. Era dali que saía um eco. Como se o corpo estivesse vazio e os ossos se transformassem em cobras brancas.

